

Menções Honrosas

**“Despimo-nos do corpóreo e do incorpóreo...”**

Despimo-nos do corpóreo e do incorpóreo. Aqui, em terras ribatejanas, onde em tempos, frades capuchinhos se devotaram a S. Baco. Votos de pobreza, oração e trabalho respiram-se! Ainda se sentem as suas pegadas diárias em busca da santidade desbotada no real das duas vidas.

Chego e poiso o meu tripé. Tiro da mala o meu estojo. Escolho o meu melhor pincel e começo pelo verde. É tão intenso e vivo que não posso resistir-lhe por muito tempo. Um manto verde cobre quase todo o chão, apenas entrecortado pelos caminhos beges da terra agora pisada e repisada por rodados de carros.

Talvez em outros tempos se vissem cavalos, carroças e até mesmo os cajados dos frades. Galhos castanhos repousam nesse manto verde e sobressaem florzinhas amarelas de caule verde, daquelas que em miúda chamava de "azedas" e que chupava às escondidas de todos! A sensação do azedo arrepiava-me a pele!

O vento dá-lhes, de quando em vez, e sente-se uma brisa suave que me faz ouvir a melodia. "Nas asas do vento que vem..."

Continuo pincelando no meu cenário natural. Árvores, muitas árvores povoam as margens do rio. Árvores de tronco principal grosso, disforme e ramificado em raminhos fininhos e completamente nus. A sensação é que estarão secos mas a sua cor castanha escura e viva, afasta-a.

Daqui, onde coloquei a minha tela, o rio faz uma saliência arredondada. Hoje há mais lodo viscoso, escuro, castanho, do que água. Mas quero pintar água. Água que cobre estas ilhas de terra e lodo que se vêem e esta ausência da vida dos peixes.

Visto deste ponto, o rio quase parece pequenos lagos que se tocam em margens de terra comuns, margens que são amontoados de ramagens, de arbustos, de vegetação, na sua maioria acastanhada. Em todos os castanhos que a minha paleta de tintas consiga fabricar.

Quando páro a avidez da pintura e me sereno, pássaros aos pares, sozinhos ou em família vêm para mais perto e oferecem-me o doce dos seus corpos, a luminosidade das suas penas e a frescura dos seus cantares! Um deles, branco, grande, quiçá uma garça, fez um vôo bem rasteiro à água e abriu por completo as suas asas. Diria que foi um misto de pertença e de liberdade,

buscando um rumo e deixando-se conduzir.

O sol desceu. Afinal sempre vou pintar o pôr-do-sol. Como aquele que se reproduz numa das minhas memórias mais felizes.

Jericó, a "Cidade das Palmeiras", quase que poderia ser aqui. Aqui, poderia ser o que se quisesse.

Por isso, pinto o céu de azul claro, em mantos brancos que se adensam, mais nuns lados do que noutros. E, junto ao rio, a uma distância simpática e apelativa, vou fazer nascer uma casa de madeira, com um alpendre grande e uma cadeira de baloiço, para onde dão duas grandes janelas largas e com um corrimão que sustenta pequenos vasos de amores-perfeitos. Uma esteira suspensa, com uma manta azul-turquesa, espera por nós. Cheira a jasmim, do chá quente acabado de fazer e posto na mesinha pequenina da rua. As bolachas de canela estão no frasco de vidro de tampa dourada. E nós sentamo-nos nas almofadas laranjas "pele de pêssego".

Estamos juntos finalmente e lembro-me de pensar: "Aqui, em terras ribatejanas, onde em tempos frades capuchinhos se devotaram a S. Baco, votos de felicidade e amor em estado puro, respiram-se!"

Aglaia

**Isabel Sofia Medeiros**